Editorial

Passe: uma experiência brasileira

"A Escola de Lacan, como instituição psicanalítica que garante a formação dos analistas, é solidária da concepção de que se tornar psicanalista não é uma escolha profissional, mas uma virada ou uma passagem que se realiza no interior de um processo analítico que pode ser verificado por um dispositivo institucional"[1]. Lacan chama de *passe* esse dispositivo, mesmo nome do momento de virada em uma análise, que determina seu final. Com este, o que se pretende é responder à questão: o que é um analista?, questão que se renova em cada percurso de análise. A verificação da emergência desse desejo novo, inédito, denominado por Lacan *desejo do analista*, designado por ele como uma função - no sentido matemático desse termo - está no cerne da escola tal como propôs.

No passe o sujeito produz um saber sobre sua própria análise, sendo possível, através deste, verificar e articular a direção do tratamento a uma instituição. Segundo Lacan, no passe há "a irrupção do privado ao público", e isso se dá graças a uma análise, a um analista e a uma instituição que escute isso.

Tal dispositivo foi apresentado aos membros de sua Escola em 1967, e a importância que lhe conferia demonstra-se no fato de ter proposto, por ocasião da criação de uma Escola na Itália, que esta fosse constituída somente por analistas, nomeados enquanto tais pelo passe, o que colocava em cena o risco de ela não vir a existir[2]. A Escola italiana, ao final, não se constituiu assim, e, anos depois da morte de Lacan, foi proposto aos membros associados de escolas de orientação lacaniana recém-criadas, uma delas no Brasil, uma variação desta proposta, que ficou conhecida como *passe na entrada* na escola.

O dispositivo, que não nomearia analistas, seria oferecido, ali, a quem desejasse ser membro dessas escolas entrando por esta via. Colocá-lo em funcionamento nesses termos, sem que ficasse muito claro o que se propunha a verificar, fez sobrepor à verificação da emergência do desejo do analista questões políticas e institucionais, o que não foi sem conseqüências. Dentre estas, agora, a aposta de recolocar em funcionamento o dispositivo na Escola que pretendemos construir, tendo em conta os efeitos produzidos por esses desvios.

O que verifica o passe quando feito antes do término da análise, antes do termo da transferência; por que se dispor a realizar o passe sob transferência, e que incidências passar pelo dispositivo nesse momento traz à análise do passante; e, é possível a emergência do desejo do analista antes do final de análise – são questões que vêm sendo discutidas pelos Fóruns do Campo Lacaniano e apresentadas neste número inaugural de *Stylus*, que traz, também, os depoimentos de quem se dispôs a passar pela experiência do passe, de entrada ou de final, fato que ocorre pela primeira vez na história do movimento psicanalítico: falar da experiência fora do dispositivo, *a*

---

[1].QUINET, Antonio. *As 4+1 condições da análise*; Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1991.
[2].LACAN,J., Carta aos italianos, *Letra Freudiana* n0. Rio de Janeiro, 1987.

posteriori e a céu aberto, apresentando o particular e o inédito que tal experiência produz em um sujeito.

Os textos que abrem a presente edição, na seção Passe e Transferência, retomam, em Lacan, os fundamentos da invenção deste dispositivo. A seguir, em Passe: uma experiência brasileira, o produto do trabalho dos integrantes da Comissão Crítica do Passe, dos Fóruns do Campo Lacaniano, ao longo do ano de 1999 , que no Fórum Nacional do Campo Lacaniano, ocorrido em outubro do mesmo ano, em Belo Horizonte, foi discutido em duas mesas-redondas, é apresentado nesta edição, nas sessões: O Cartel do Passe, o Passador e a Escola, e Clínica do Passe.

Stylus apresenta, finalmente, a seção da Associação Fóruns do Campo Lacaniano, fundada, também, em Belo Horizonte, durante o Fórum de outubro/99, onde são apresentadas as diretrizes de funcionamento para esta gestão, que tem no cartel um de seus enfoques centrais. Anexos, os estatutos de nossa recém-criada Associação.

Este número inaugural de *Stylus*, produzido por Belo Horizonte, segundo a "lógica itinerante" que regerá sua publicação, contou com a colaboração da Prefeitura de Belo Horizonte, através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SMDS, imprimindo a parte interna desta publicação em sua gráfica. Um resumo dos programas e projetos que essa Secretaria vem implementando é apresentado no final desta edição, demonstrando que em BH a Psicanálise é convocada a escutar e a intervir nas questões cruciais da cidade. E bem acolhida, o que muito nos alegra.

Edméia Nogueira Toledo e *Rosana Baccarini*
Coordenadoras desta edição